

**BOTICAS JESUÍTAS: DISCURSO, REDE DE PODER E CONHECIMENTO
ATRAVÉS DA COLEÇÃO DE VARIAS RECEITAS (1766)**

Viviane Machado Caminha

Professora Adjunta na Escola Superior de Guerra (ESG), campus Brasília
viviane@esg.br

A reflexão sobre o percurso histórico da farmacologia no mundo moderno ocidental passa necessariamente pela experiência da botica conventual. Nesse campo, o trabalho de agostinianos e dominicanos se destacou pelo pioneirismo. Mas, também os jesuítas foram protagonistas nessa seara. A preocupação com a produção de medicamentos remonta a fundação da Ordem, quando se estabeleceu a existência de boticas nos colégios jesuítas. Assim, foi prática comum a manutenção desses espaços em colégios espalhados pela Europa, África, Oriente e América. Dentre as boticas jesuítas portuguesas de maior relevo se destacaram a do Colégio de Santo Antão e a da Casa Professa de São Roque, ambas em Lisboa, muito embora fossem também encontradas nas cidades de Évora, Coimbra e Bragança. No Oriente, o destaque ficava com as boticas dos Colégios jesuítas de Goa e Macau, populares pelos medicamentos desenvolvidos e onde atuaram indivíduos classificados como “hábeis nas artes médicas e, ao longo do tempo, grandes conhecedores das drogas medicinais da região”. (MAIA *apud* AMARO, 1997: 54)

Na América platina se destacou a botica do Colégio de Córdoba como importante referência. Além de principal local para o tratamento dos doentes, este se constituiu em importante centro de formação da Companhia, “acolhendo também para tratamento membros da ordem que atuavam nas regiões próximas”. (FLECK, 2014: 283) Entre tantos boticários, o padre Segismundo Asperger (1687-1772) trouxe “vasto conhecimento sobre práticas curativas e plantas medicinais, já que, durante o período de sua formação, trabalhou junto a um hospital na Europa”. (*Ibidem*, p. 287) No Novo Mundo, escreveu um receituário chamado *Tratado breve de medicina* (Manuscrito s/d), relacionando diversas plantas nativas, bem como sua aplicação. A botica do Colégio Máximo do Paraguai revelou, a partir de seu inventário, estar paramentada por livros atualizados sobre o saber médico-farmacológico como “*Arte de Botica*, de Alphonsus Fubera,

Tratado de Botica, de Luis de Oviedo, *De Re Medica*, de Pachus Aigiteta, *Opera Medica*, de Donato Antonio Altomare” entre outros. (PAGE; FLACHS, 2010: 129) Outras boticas jesuítas de vulto foram a do Colégio Máximo de San Miguel, Chile, voltada para “atender las necesidades de los hermanos de la orden, no obstante, su desenvolvimiento material permitió la venta al público de las medicinas elaboradas dentro del Colegio Máximo” e a do Colégio de San José, em Concepción, que também produziu medicamentos em quantidade significativa para a comercialização. (CASTAÑEDA, 2016: 16)

Na América portuguesa, estes locais também se situaram no interior dos Colégios, estando próximos às enfermarias. É provável que existissem boticas em todos os Colégios jesuítas da América portuguesa, que eram num total de 17, quando do momento da expulsão dos inicianos em 1759. Mas sabe-se, com certeza, “das boticas dos Colégios da Bahia, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Maranhão e Pará”. (LEITE, 2013: 72) Das informações reunidas sobre esses espaços, sabemos que se encontravam paramentados com uma série de objetos, instrumentos e livros, de forma muito semelhante às boticas espalhadas pelo reino e em possessões portuguesas do ultramar. O inventário de 1760 do Colégio jesuíta do Maranhão informou que havia na botica “mais [de] 400 [vasos de barro], todos com os remédios necessários para aquela terra, os quais importariam 400\$000 reis”. (LEITE, 1953: 52) Serfim Leite afirmou ainda que:

Além de possuir um total de 35 volumes de [livros de] Medicina e Botica”, dentre as obras disponíveis para consulta destacavam-se as de “Curvo Semedo como *Observações*, *Atalaya* e *Polianteia* (1680); e de Ferreira, *Luz da Cirurgia*; *Luz da Medicina*; e a *Pharmacopeia Lusitana*. (LEITE, 1956: 16)

Há também referência à existência de uma farmácia flutuante, conhecida como “Botica do Mar”, que era responsável “pelo abastecimento dos lugares da costa, desde o Maranhão a Belém do Pará”. (*Idem*) Além de produzir medicamentos, as boticas jesuítas tiveram como função o abastecimento de outras boticas, sobretudo, em períodos de surtos epidêmicos. Além dos Colégios haviam boticas em fazendas e aldeias de propriedade jesuíta. Esse foi o caso das boticas das Fazendas Campos Novos, Campos dos Guaytacazes e Santa Cruz pertencentes ao Colégio jesuíta do Rio de Janeiro. (TEIXEIRA, 2006)

Muito embora a prerrogativa da obra caritativa estivesse presente nos *serviços de saúde* ofertados pela Ordem, o estudo das boticas jesuítas permite refletir para além da função social desempenhada por esses espaços, uma vez que se configuraram em lócus de desenvolvimento do saber médico-farmacológico e produção científica da Época Moderna. Além de medicamentos, desenvolveu-se um novo tipo de saber que considerou a combinação de fórmulas europeias e elementos químicos com plantas da paisagem natural local¹. Para a consolidação dessas práticas terapêuticas, os jesuítas elaboraram cadernos manuscritos, reunindo informações sobre a flora e fauna das regiões em que atuaram, evidenciando o processo de organização do conhecimento científico.

Dentre os cadernos de receitas médicas, a coletânea intitulada *Colecção de varias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades*, de 1766, merece atenção especial². Serafim Leite (1953) apontou que mesmo sendo obra de autor desconhecido, este provavelmente esteve ligado à Assistência de Portugal, sobretudo, pelo fato de estar escrita em português e reunir receitas de medicamentos produzidos nas boticas do Império português e suas conquistas, com exceção de uma única receita ligada ao Colégio Romano.

Em 688 páginas, o documento reuniu 260 receitas de medicamentos e estava com todas as licenças necessárias para a publicação em Roma, muito embora isso nunca tenha acontecido. Tal fato, fez com que estudiosos levantassem hipóteses, principalmente, no sentido da lucratividade que o comércio desses medicamentos garantia para a Companhia de Jesus, tendo em vista que muitos dos medicamentos reunidos eram remédios de segredo. (MAIA, 2012) Essa denominação se dava em função do sigilo sobre sua

¹ A associação que se estabeleceu entre química e medicina pode ser verificada desde o século XVI, sob a constituição da *iatroquímica*, prática terapêutica que levou a produção de medicamentos sintéticos.

² A obra se encontra depositada no ARSI – *Arquivo Geral da Companhia de Jesus*, Roma, pertencente ao fundo *Opera Nostrorum*.

fórmula, o que garantia que fossem comercializados a preços elevados e proporcionava lugar de destaque na sociedade a seus produtores.

Sem invalidar a perspectiva que ressaltou a preservação do lucro e considerando o cenário de incerteza quanto ao futuro da Ordem, fruto da perseguição pombalina, defendemos a ideia de que o contexto interno contribuiu, de forma significativa, para a elaboração da *Colecção de varias receitas*, revelando o conhecimento médico farmacológico e a organização do conhecimento científico e evidenciando a tentativa de preservação da memória institucional, a partir da reunião de receitas produzidas em diversas boticas da Companhia. Cabe destacar que vários jesuítas ligados à assistência a Portugal encontravam-se reunidos em Roma e outras localidades da península itálica no período que vai de 1760 a 1788, uma vez que seus nomes constavam nas listas de embarque na colônia e também na relação de ex-jesuítas portugueses e “brasileiros” expulsos por Pombal e residentes na Itália no ano de 1788. (FERNANDES, 1941)

O próprio contexto científico do século XVIII, *coleccionismo*, permitiu compreender a iniciativa da produção desse material. Desde a segunda metade do século XVI, o espírito científico do Renascimento contribuiu para desenvolver uma grande variedade de coleções que intencionavam explorar e representar o mundo. Mas, também organizar e sistematizar o conhecimento a partir da preservação de objetos e da memória social. E, “coleções de naturalia, animais, plantas e minerais, multiplicaram-se pela Europa, cada uma constituindo uma enciclopédia da natureza, de conhecimentos que não dependiam da Igreja”. (BLOM, 2003: 36) Exemplo desse contexto é encontrado nas coleções de *naturalia* do Colégio Romano da Companhia de Jesus, compostas simultaneamente de coleções principescas e científicas, conforme o caso do Museu Kircheriano. Formado em 1651 a partir da herança deixada por um nobre, o Museu se constituía essencialmente por antiguidades e obras de arte. Coube ao padre Athanasius Kircher (1601-1680), filósofo natural da Ordem, cuidar dos objetos, organizando-os e, com o tempo, acrescentando “peças inventadas e elaboradas pelo próprio curador – instrumentos científicos, matemáticos, etc.”. (KURY; CAMENIETZKI, 1997: 72) A

coleção ganhou o título de *Museu Celeberrimo* quando da publicação do primeiro catálogo, em 1678.

Em face desse cenário, plantas, animais e minerais de cunho medicinal oriundos de diversas regiões do planeta passaram a receber atenção significativa. O desenvolvimento de sistemas de classificação, a partir de Carlos Lineu (1707-1778) e Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788), submeteu a natureza à mente científica, concedendo nova dimensão à prática das coleções, uma vez que a classificação e organização do conhecimento passou a ser compreendida enquanto processo móvel, dinâmico e dependente do contexto social. Assim, as coleções acumularam progressivamente a função de instrumentos de exploração e conservação do conhecimento científico. Esta última faceta é a que nos interessa mais de perto, uma vez que enxergamos e atribuímos à *Colecção de varias receitas* dos jesuítas, além de um tipo específico de escrita científica, o sentido de permanência no tempo de um conhecimento capaz de superar a finitude da Ordem.

Analisando a obra, logo de início, se encontra uma dedicatória ao coração santíssimo de Jesus, onde o autor deixou clara a intenção de utilidade da obra. Tal fato reflete um dos mais importantes preceitos de atuação da Ordem no mundo, o ser útil para servir a Deus e aos homens. A dedicatória iniciou com:

A vós Deos e Senhor meo, e o vosso amabilíssimo coração he devido o offerecimento desta pequena Obra. Aceitaia, Senhor, como offerta do meo coração; e para que ella vos seja grata, não olheis para quem a offerece, olhai só para a vontade e desejo de quem a apresenta a vosso Santíssimo Coração. Fazei, Senhor, que ella seja de utilidade a meos proximos, pondolhe a eficacia da vossa Divina Virtude. Inflamai, Senhor, a minha vontade no fogo de vosso embrazado Coração, para que viva, e morra só por puro amor vosso. Amem. (COLECÇÃO DE VARIAS RECEITAS, 1766: 03)

Após isso se deu o primeiro contato do autor como público. No prólogo, foi feita uma explanação sobre sua intenção, reafirmando o caráter utilitário da obra e ressaltando que a motivação para organizar “esta colecção de receitas particulares das nossas boticas” teria sido para que não se perdessem “tão bons segredos e estes não andassem espalhados por todas as mãos”. (*Ibidem*, p. 4) Mas, também apareceu a preocupação com o fato de

as receitas caírem em mãos erradas, comprometendo a rentabilidade das boticas. Esse ponto ficou claro a partir da afirmação:

pois bem sabes, que revelados estes, ainda que seja de uma botica para outra, perdem toda a sua estimação; e que pelo contrario o mesmo he estar em segredo qualquer receita experimentada, que fazem dela todos com grande apreço, e estima com fama, e lucros considerável da Botica, a que pertence. Pelo que peçose que sejas muito acautellado e escrupuloso em não revelar algo destes segredos; pois em consciencia se não pode fazer, advertindo que são couzas estas da Religião e não tuas. (*Idem*)

Apesar da obra não possuir divisões ou subdivisões oficiais, a análise do documento forneceu a seguinte estrutura: receitas de medicamentos produzidos nas boticas jesuítas em Portugal (Évora e Lisboa), no Oriente (Macau e Goa), na América portuguesa (Bahia, Recife e Rio de Janeiro), receitas de irmãos boticários do Brasil, receitas de autores médicos/farmacêuticos leigos e, finalmente, receitas sem a indicação do autor. Sobre os medicamentos produzidos nas boticas jesuítas portuguesas e do Oriente temos:

Tabela 1: Relação Colégio de origem e Medicamento

BOTICA/COLÉGIO	MEDICAMENTO
Colégio Romano	1. Triaga Optima
Évora	1. Massa Optima para mordeduras de Caes danados 2. Pilolas contra Cursos 3. Poz anti-neofriticos 4. Poz anti-pleuriticos 5. Vinho contra Tirizia 6. Vinho contra sangue pella boca
Goa	1. Pedras Cordiaes (chamadas comumente de Gaspar Antonio) 2. Pedras de Gaspar Antonio reformadas 3. Pedras de Porco Espinho artificiais 4. Triaga da India, chamada do Sul
Macau	1. Agoa Febrefuga 2. Agoa Otalmica 3. Agoa Prodigiosa 4. Balsamo Apopletico. Optimo 5. Balsamo Apopletico. Optimo para Molheres 6. Balsamo Estomacal 7. Bezuartico de Curvo 8. Cachundê do Japão 9. Cachundé Optimo

	<ol style="list-style-type: none"> 10. Emplastro Vulneravel Magistral (Unguento do Padre Costa) 11. Emplastro para a Gota 12. Emplastro negro composto 13. Linimento para empigens e sarna 14. Massa para Sezoens 15. Manteiga de Chumbo 16. Oleo de Apparicio 17. Pedra Basar artificial 18. Pedras de Porco Espinho, melhores que as antecedentes 19. Pillulas Douradas celebérrimas em todo o Reyno da Conchinchina 20. Pillulas para a Gotta 21. Pillulas para facilitar o parto 22. Pillulas para a retenção dos meses 23. Pilolas Silvianas 24. Pomadas contra as dores de madre 25. Pôz contra lombrigas 26. Tintura adistringente 27. Tintura Estomacal 28. Trociscos de Fiorabanto 29. Unguento desobstruente 30. Unguento para almorhoides 31. Unguento para feridas, chagas, queimaduras, e quebraduras 32. Xarope de dormideiras brancas
Santo Antão	<ol style="list-style-type: none"> 1. Agoa de Inglaterra 2. Agoa de Milicia. Composta 3. Massa para Sezoens 4. Pillulas de Clericato ou familiares 5. Pillulas de Familia 6. Unguento Sigillado
São Roque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Balsamo Apopletico 2. Emplastro admiravel para a Espinhella 3. Tintura para sangue pella boca

Fonte: Coleção de varias receitas, 1766. Elaborada pela autora.

Dos medicamentos ligados às boticas da América portuguesa tem-se um total de 48 receitas, divididas da seguinte forma: 39 provenientes da botica do Colégio da Bahia, dentre eles o *Balsamo Apopletico*, também produzido nas boticas dos Colégios jesuítas de Macau e São Roque e o *Emplastro admirável para Espinhella*, também produzido na botica da Casa de São Roque; duas (2) receitas que se vinculavam à botica do Colégio do Rio de Janeiro, com ênfase na *Massa para Cezoens*, também produzida nas boticas dos

Colégios jesuítas de Macau e Santo Antão; e, finalmente, sete (7) receitas que estiveram atreladas à botica do Colégio do Recife, dentre elas a *Agoa Otalmica Romana*, também produzida na botica do Colégio de Macau. A tabela 2 oferece uma panorâmica da produção desses medicamentos:

Tabela 2: Relação botica e medicamento.

BOTICA	MEDICAMENTO
BAHIA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ambar concentrado 2. Agoa de Canella 3. Balsamo Apopletico 4. Balsamo Apopletico Optimo para Molheres 5. Caçoula admirável 6. Conserva de Caroba 7. Cozimento para a Virgindade perdida 8. Emplastro para dores de cabeça 9. Emplastro admirável para a Espinhella 10. Emplastro de Tabaco 11. Emulsão Regia 12. Encerados para secar leite 13. Olio de Bicuibas expresso 14. Olio de Erva da Costa 15. Oleo de Canella 16. Panacea Mercurial 17. Pedra Infernal Optima 18. Pillulas Angelicas 19. Pillulas Capitais 20. Pillulas Hemeticas 21. Pillulas de Rezina de Batata 22. Pillulas de Rezina de Jalapa 23. Quintilio Optimo 24. Resina de Batata 25. Rosa Solis Optima 26. Solimão Optimo 27. Tartaro Emetico Optimo 28. Tintura de Alambre 29. Triaga Brasilica Celeberrima em todo aquelle novo mundo 30. Nova Triaga Brasilica 31. Vinho Emetico 32. Unguento amarelo 33. Unguento de Azougue 34. Unguento de Cantaridas potente 35. Unguento para comechoens de corpo 36. Unguento preservativo dos Erpes 37. Unguento contra sarnas

	38. Xarope de Coral 39. Xarope Emetico
RECIFE	1. Agoa Anti-Venerea 2. Agoa Benedita 3. Agoa Otmica 4. Besoartico do Curvo singular contra febres malignas 5. Emplastro contra Roturas 6. Tizania Laxativa Mompliacensis 7. Unguento para tudo
RIO DE JANEIRO	1. Massa para Cezoens 2. Vinho febre-fugo

Fonte: Coleção de varias receitas, 1766. Elaborada pela autora.

Quanto aos medicamentos de autoria de irmãos boticários que estiveram atuando na América portuguesa tem-se um montante de 16 receitas:

Tabela 3: Relação irmão boticário e medicamento

IRMÃO BOTICÁRIO	MEDICAMENTO
André da Costa	1. Emplastro de Tabaco
Francisco Silva	1. Emplastro para matar Lombrigas 2. Graons para Fontes 3. Hercules Infans 4. Jalea optima de ponta de Veado 5. Leite Virginal 6. Manteiga de Chumbo 7. Triaga contra Lombrigas 8. Unguento de Azougue 9. Unguento de Cantaridas potente 10. Unguento Caustico 11. Unguento para Empijas 12. Unguento de Fezes de Ouro 13. Unguento Narcotico
Manuel Diniz	1. Balsamo para Empigens 2. Unguento para Empijas

Fonte: Coleção de varias receitas, 1766. Elaborada pela autora.

Há, por fim, ao longo da *Coleção de varias receitas* um total de 72 receitas de medicamentos sem a indicação do nome do autor e outras 09 receitas que constavam, ao mesmo tempo, o nome do irmão boticário que produziu a formulação e a botica de origem. Do que foi apresentado até aqui, a obra analisada reuniu um total de 260 receitas de

medicamentos produzidos nas boticas da Companhia de Jesus, estes estiveram divididos conforme gráfico abaixo:

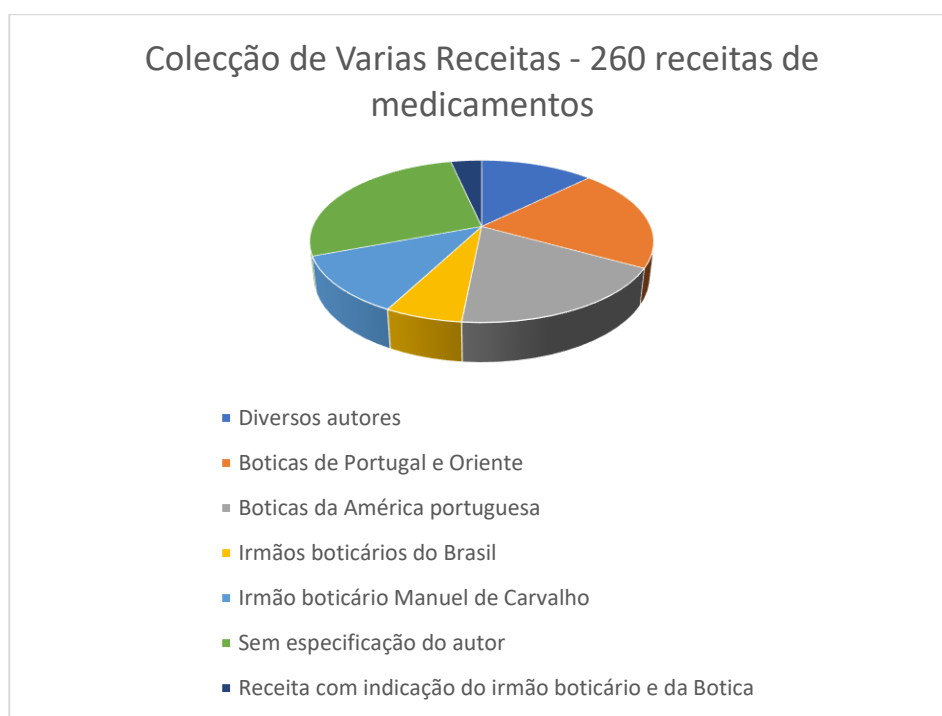


Figura 1 – Composição das receitas de medicamentos encontrados na *Colecção de varias receitas -1766*.
Elaboração da autora.

Sobre os medicamentos produzidos vale sinalizar que muitos se destacavam pela adjetivação e, conseqüentemente, propaganda de seu efeito sobre a enfermidade como é possível notar, por exemplo, no *Bálsamo Apopletico Optimo para Molheres*, *Quintilio Optimo*, *Rosa Solis Optima*, *Solimão Optimo*, *Tartaro Emetico Optimo* e *Triaga Optima da Botica do Collegio Romano*.

Ainda no que toca a descrição da obra merece destaque não apenas a organização segundo a lógica dos verbetes do dicionário, o que direcionava de modo objetivo a consulta, mas também o *design* da mesma. Ao lado de cada letra havia desenhada uma imagem que poderia ser a de um animal, flores, frutos ou seres mitológicos. A organização das receitas também obedeceu a um padrão uniforme. Após o título com o nome do medicamento, por exemplo, *Jalea Optima de Ponta de Veado*, aparecia o nome

do Colégio, botica ou autor que a produzia, acompanhado dos ingredientes necessários para seu preparo, com a indicação das quantidades, pesos e símbolos e, por fim, o modo de preparo seguido da indicação para uso e sua virtude, algumas vezes acompanhada de uma dieta alimentar³.

O receituário permitiu também identificar as moléstias mais frequentes que assolavam o cotidiano das populações, bem como as formas de tratamento desenvolvidas. Para o caso da América portuguesa, temos que as fórmulas de medicamentos se destinavam, preferencialmente, para a terapêutica das doenças de pele, anemia e sífilis. Entrementes, as boticas jesuítas também produziram medicamentos de efeitos variados⁴, sendo estes:

eméticos ou vomitórios 7; purgantes 6; para febres e sezonismo 4; para enfermidades das senhoras 4; para chagas e feridas 3; para vermes intestinais 3; para tumores duros 3; para apoplexias 3; para paralisia 2; para histerismo 2; para lobinhos, verrugas e cancos (não malignos) 2; para doenças dos olhos 2; para dores de cabeça 2; e um específico para cada uma das seguintes enfermidades: do peito, coração, estômago, cólicas, disenterias, varíola (remédio que se apresenta não como eficaz em todos os casos, mas útil), reumatismo, gota, hidropisia, epilepsia, escorbuto, insônia e mordeduras de cobras. (LEITE, 1956: 13)

Das diversas formulações contidas na *Colecção* grande destaque foi dado a *Triaga Brasília Celeberrima em todo aquella novo Mundo da Botica do Collegio da Bahia*. No receituário havia a indicação do local onde se poderiam encontrar muitos dos ingredientes necessários para sua preparação e itens como *erva-caacicá* (*Euphorbia pilulifera* L.), *erva-de-sangue* (*Cuphea glutinosa*), *raiz de capeba* (*Pothomorphe umbellata*), *raiz de jaborandi* (*Pilocarpus microphyllus*), *raiz de jarro* (*Zantedeschia aethiopica*), *raiz de pagimirioba* (*Cassia* L.), *sementes de neambus* (*Coriandrum sativum*), *cipó-de-cobra* (*Jatropha elliptica*), e *jararacas* (*Bothrops jararaca*) eram facilmente encontrados no Colégio da Bahia ou em sua quinta, onde várias espécies foram aclimatadas.

³ A unidade de medida básica era a libra decimal de 12 onças, sendo 1 onça equivalente a 28,6848 gramas.

⁴ Da variedade dos remédios aqueles de qualidade mais comum em diversas receitas foram os que se destinaram a combater a hidropisia (edemas generalizados ligados a distúrbios na circulação de sangue), apoplexia (fluxo de sangue no interior de um órgão – hemorragia), gota (elevação de ácido úrico no sangue, o que provoca surtos de artrite aguda), sendo também de efeito emético (provoca vômito), dioforético (transpiração abundante), purgante (limpa/esvazia os intestinos) e vesicatório (formação de bolhas quando aplicado na pele).

Conforme sinalizamos anteriormente, algumas das receitas foram produzidas em diferentes boticas jesuítas que estiveram ligadas ao Império português. Tal fato abre espaço para refletirmos sobre o intercâmbio do conhecimento botânico, além de apontar para o processo de operação em rede dentro da Companhia de Jesus. Do receituário referente à América portuguesa se destacaram quatro receitas também produzidas em outras boticas jesuítas de Portugal e do Oriente.

Este foi o caso do *Balsamo Apopletico*, produzido nas boticas da Bahia, Macau e São Roque, indicado para a todo tipo de apoplexia, além de rebater vertigens, confortar o cérebro, resistir aos ares corruptos e preservar da peste. O medicamento deveria ser inalado ou mesmo ingerido “pela boca para excitar o acto venereo”. (COLECÇÃO DE VARIAS RECEITAS, 1766: 66) Na formulação de tal medicamento, nas boticas da Bahia e Macau, se utilizava “almíscar, âmbar griz, óleo de canella, óleo de cravo, óleo de manjerona, óleo de pos de Rhodes, óleo de alfazema, óleo de salva, óleo de noz moscada expresso, bálsamo do Brasil e poz de çapatos [?]”, perfazendo um total de 11 ingredientes. (*Ibidem*, p. 65) Já na formulação do mesmo medicamento na botica de São Roque, com exceção da *salva* e do *pó de çapato*, todos os outros ingredientes fizeram parte da composição, sendo a eles acrescentado “âmbar concentrado, óleo de alambre e óleo de arruda”. (*Ibidem*, p. 68) Interessante de perceber foi que a *Copaíba*, (*Copaifera langsdorffii*) também conhecida como *Bálsamo do Brasil* ou *dos jesuítas*, planta típica da América, apareceu como ingrediente comum dessa receita, fosse ela fabricada no Novo Mundo, no Reino ou no Oriente, o que permitiu alcançar a dimensão do intercâmbio botânico, a partir da configuração de uma rede de poder, que a Companhia de Jesus operava por meio de suas boticas.

Cabe sinalizar que além da *Copaíba* outros ingredientes da flora e fauna foram comuns a diversas receitas como o caso do *âmbar*, *almíscar*, de qualidade sudorífica, *ópio* (anfião), *flores* como rosas e papoulas, *olhos de caranguejo* (carbonato de cálcio - CaCO₃), ingrediente de efeito absorvente e consolidante, *cinzas de coruja*, *frutas*, como laranja, *açafrão*, *cravo*, *canela*, *noz moscada*, *sal*, *sebo de cabrito*, *água rosada* e *água de flor*, *sangue de bode*, *dente de javali*, *água ardente* e *sândalos*. Além disso, se usou

em abundância elementos químicos como *mercúrio* (Hg), *enxofre* (S), também denominado *flor de enxofar*, *chumbo* (Pb) e *antimônio* (Sb), conhecido comumente como *chumbo dos filósofos*, *pedra de cervar dos químicos*, *pedra de saturno* ou *saturno dos filósofos*. A linguagem química no século XVIII identificava as substâncias através de uma nomenclatura que ressaltava suas qualidades, derivando muitas vezes de termos astrológicos de forte caráter alquímico. Por isso, se encontrou em abundância ao longo da *Colecção de varias receitas* denominações como, por exemplo, *nitro dioforetico* (*salitre*, nitrato de potássio – KNO₃ ou nitrato de sódio - NaNO₃, após passar por processo de cozimento e secagem). Bem como seus compostos como o *vitriolo calcinado* (H₂SO₄ – ácido sulfúrico diluído) e o *sal de chumbo* (Pb(C₂H₃O₂)₂ – acetato de chumbo).

Isso, porque foi bastante comum durante a Época Moderna a interação da medicina com a química, ainda em desenvolvimento, nas terapêuticas de cura. As farmacopeias desse período forneceram grandes exemplos dessa aproximação. A obra de João Curvo Semedo (1635-1719), *Poliantéia Medicinal*, 1697, no *Tratado Segundo* destacou o antimônio (Sb) e seus compostos, assim como a química e sua aplicação na fabricação de remédios ocuparam todo o *Tratado Terceiro*. A *Farmacopéia Lusitana*, 1704, do boticário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, D. Caetano de Santo Antônio (1660-1739) trouxe, já em sua segunda edição, em 1711, a incorporação de conceitos iatroquímicos, sendo o próprio título da obra alterado para *Farmacopéia Lusitana Reformada. Método Prático de preparar os medicamentos na forma galênica e química*.

Na América portuguesa, Rodrigues de Abreu (1682-1752), com a obra *Historiologia Médica*, 1733, dedicou a química o item intitulado *Basta de Física, passemos à Botânica, Anatomia e Química, partes da teoria moderna, que dizem se requerem essencialmente para o médico*. E, Luís Gomes Ferreira (1686-1764), que em *Erário Mineral*, 1735, apresentou no *Tratado Quinto* um componente sob o título de *Da rara virtude do óleo de ouro; das muitas enfermidades para que serve, e observações de curas excelentíssimas que com ele se têm feito*. Nesta parte, o autor ressaltou as virtudes do óleo de ouro sinalizando que servia para “a maior parte dos afetos cirúrgicos, como adiante se mostrará. O óleo de ouro se faz com sal, água forte e ouro; cuja receita anda

em vários autores, e por essa causa não a exponho”. (FERREIRA, 1733: 265) Interessante destacar que, sob o prisma da química moderna, a descrição do método de dissolução do ouro com água régia, mistura de ácidos nítrico, ou água forte e clorídrico, está correta, conforme destacou Filgueiras (1999).

Remédio de efeito admirável, como o próprio nome propagandeou, foi o *Emplastro admiravel para a Espinhella*, produto das boticas do Colégio da Bahia e de São Roque⁵. O medicamento era indicado para “qualquer fraqueza da boca do estomago, e para a espinhella, aplicada em couro de luva no lugar da dita espinhella por 15 dias, ou até se desfazer”. (COLECCÃO DE VARIAS RECEITAS, 1766: 120) Dentre seus ingredientes em comum, tanto na receita preparada na botica da Bahia, quanto na Casa de São Roque, havia *almacega do Brasil* (*Protium hpaphyllum*), acompanhada da advertência de que deveria estar em consistência pura e limpa.

Outro medicamento produzido em boticas diferentes, mas com ingrediente comum da América foi a *Massa para Cezoens* das boticas dos Colégios do Rio de Janeiro, Macau e Santo Antônio. Entre *sais de losna* (*Artemises absinthium*), *xarope de roman azedo* (*Punica granatum*) e outros, a receita utilizou a *quina* (*Cinchona officinalis*), comumente denominada *pó dos jesuítas*, *pozes de farango ou querango*, em consistência de pó sutil⁶. Planta facilmente encontrada em áreas montanhosas da América central, como Bolívia, Costa Rica e Peru, mas também na África e Sudeste Asiático, foi exportada pelos jesuítas para o Velho Mundo, se constituindo em ingrediente para diversas receitas. Extraída da *quina*, a *quinina*, $C_{20}H_{24}N_2O_2$, pó branco, inodoro e de sabor amargo, foi largamente utilizada no combate a males como febre, indigestão, doenças da boca e da garganta, tratamento da malária e câncer por sua propriedade febrífuga, antimalárica,

⁵ *Espinhela caída* era o nome dado na Bahia a doença que tem como característica forte dor na boca do estômago, nas costas e pernas, acompanhada de cansaço anormal, quando o indivíduo é submetido a esforço físico. Em Pernambuco é conhecida como *Peito aberto* ou *Arca caída*.

⁶ *Quina*: Planta da família das Rubiáceas, também conhecida como *chichona vermelha*, *casca peruana* e *casca dos jesuítas*. Na porção espanhola da América a quina também era conhecida pela seguinte nomenclatura: *quinaquina*, *kin- kina*, *corteza peruviana*, *loja*, *chinachina*, *ó china- canna*, *corteza febril*, *genciana índica*, *antiquartanario peruviano y palo de calenturas*. Na verdade, quina é a casca que cobre o tronco e as ramificações dessa árvore. Existem várias espécies da família da Rubiáceas, tais espécies são ricas em quinino, indicado no tratamento da malária. Ver <http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/quina.html#.WW5rcYjys2w>. Acessada em junho de 2019.

tonificante, adstringente e cicatrizante, sendo, portanto, capaz de estimular as funções intestinais, gástricas e hepáticas.

Autores que se dedicaram ao estudo sobre a interação entre o colonizador e às populações nativas, no que toca especificamente a medicina, ressaltaram haver controvérsia sobre o descobrimento da *quina do Peru*, sendo a versão mais conhecida proveniente da Província de Loja em 1636. (POLETTI, 2013) A descrição para a indicação desse medicamento era a mesma nas boticas do Rio de Janeiro e Macau, sinalizando o autor que sua serventia esteve atrelada a “toda a casta de febres, que vem com frio, tomase pela manhã, e à tarde, ou em massa, ou desfeita em meia oitava de agoa de chicoria, ou almeirão na dose de [ilegível]”. (COLECÇÃO DE VARIAS RECEITAS, 1766: 215) A descrição da botica do Colégio de Santo Antão foi um pouco mais específica destacando que “serve para terçans e quartans. A cura he toda a quantidade dita; tomara o doente todos os dias pela manhã em jejum hua porção athe se acabarem, mas no dia da vazão tomara taobem hua da porção depois da vazão: podese taobem tomar feita em pirola”. (*Idem*)

A *Agoa Othalmica Romana* também se destacou por ser receita preparada em mais de uma botica jesuíta, no caso Recife e Macau, onde apareceu apenas com a denominação *Agoa Othalmica*. O medicamento servia, como o próprio nome sugeriu, para “qualquer bellida [ferida] ou inflamação dos olhos”, devendo ser utilizado como uma espécie de colírio várias vezes ao dia. (*Ibidem*, p. 22) Na receita da botica do Colégio do Recife havia ainda a advertência de que, após dissolver em almofariz o *quintilio*⁷ em pó, *alcanfor*⁸ e o *crystal mineral* com as diversas águas, (*rozada, de funcho* (*Foeniculum vulgare* Mill.), *de eufazema* (*Lavandula eufinallis*) e *de celidonio* (*Chelidonium majus* L.)), se deveria colocar o preparado no sol por um período de 20 dias, sacolejando o frasco duas vezes ao dia para que finalmente pudesse ser utilizado. Na receita da botica de Macau a instrução que chamou atenção dizia respeito a necessidade de colocar a mistura preparada em

⁷ Quintilio: é uma preparação de antimônio em pó.

⁸ O alcanfor é extraído da *alcanforeira* (*Cinnamomum camphora*), usado sob forma de água ou álcool canforado.

“infuzas por oito dias, então se ponha a destilar em banho de Maria, e tendo destilado tres partes, se guarde o que esta no recipiente em vidro bem tapado, para uso”. (*Ibidem*, p. 36)

Além destes pontos ressaltados da análise da *Colecção de varias receitas*, muitos outros poderiam ser apresentados. Mas, pelo exposto até aqui é possível concluir que as boticas jesuítas, estivessem elas localizadas no Oriente, na Europa ou no Novo Mundo, além de produzirem ciência, constituíram sólida e poderosa rede de conhecimento, poder e intercâmbio. A análise deu essa dimensão ao lançar luz sobre o desenvolvimento de um tipo de escrita que se distanciou da perspectiva missionária, guardando relação com o desbravamento e conhecimento do mundo natural e químico. Por fim, deve-se destacar que, considerada também como parte da memória da Ordem, diante de um contexto de iminente dissolução, a obra analisada neste trabalho apontou para a diversidade de atuação dos jesuítas, marcando sua presença no mundo científico com uma contribuição que não pode e nem deve ser desprezada.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, José Rodrigues de. *Historiologia Medica, Fundada e Estabelecida nos Principios de George Ernesto Sthal, famigeradíssimo Escritor do presente Seculo, e ajustada ao uso Pratico deste Paiz*. Lisboa: Oficina da Musica, 1733-1752. 3 vols.
- Archivum Romanum Societatis Iesu, Roma. *Colecção de várias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades*. Roma, MDCCLXVI.
- BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CASTAÑEDA, Julio Vera. *La vida social de la botica del Colegio Máximo de San Miguel: apuntes sobre las prácticas farmacéuticas de los jesuitas en el reino de Chile (S. XVII – XVIII)*. Monografía. Santiago: Universidad de Chile, 2016.
- D. CAETANO DE SANTO ANTONIO. *Pharmacopea Lusitana*. Coimbra: Impressão de João Antunes, 1704.
- FERNANDES, Antônio Paulo Ciríaco. *Missionários jesuítas no Brasil no tempo de Pombal*. Porto Alegre: Edições Globo, 1941.
- FERREIRA, Luiz Gomes. *Erario Mineral*. Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1735.
- FILGUEIRAS, Carlos. Havia alguma ciência no Brasil setecentista? *Química Nova*, São Paulo, 21(3), 1998.

- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus* (América platina, séculos XVII e XVIII). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014.
- KURY, Lorelay Brilhante, CAMENIZKI, Carlos Ziller. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. *Anais do Museu histórico nacional*. Rio de Janeiro, v. 29, p. 57-85, 1997.
- LEITE, Serafim. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 – 1760)*. Lisboa: Brotéria, 1953.
- _____. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*. Lisboa: Typografia do Porto, 1956.
- LEITE, Bruno M. B. “Verdes que em vosso tempo se mostrou. Das boticas jesuítas da província do Brasil, séculos XVII-XVIII”. In KURY, Lorelay [et al.]. *Usos e circulação de plantas no Brasil, séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson, 2013.
- MAIA, Patrícia Albano. *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império colonial português: medicamentos e boticas no século XVIII*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2012.
- PAGE, Carlos; FLACHS, Maria Cristina Vera de. Textos Clássicos de Medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay. *Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija*. Madrid, 13 (2010). P. 117-135.
- POLETTO, Roberto. Descoberta de fármacos e produção literária: um estudo sobre a quina do Peru (séculos XVII e XVIII). In *Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História*. ANPUH: Natal, 2013.
- SEMEDO, João Curvo. *Polyanthea Medicinal. Noticias Galenicis, e Chymicas, Repartidas em tres Tratados*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1697.
- TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. A farmacopeia jesuítica: o exemplo das fazendas do Colégio do Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos do XII Encontro Regional de História*. ANPUH-RJ: Rio de Janeiro, 2006.

